

Prefácio

Jaime Rodrigues*

Na universidade, muitas vezes se cruzam. Vozes dissonantes, concordantes, enunciadas desde perspectivas diversas ou comuns, que partem de princípios e procedimentos teórico-metodológicos afins ou que debatem e disputam entre si, considerando diferentes modos de produzir o conhecimento. O discurso que insiste na necessidade da abordagem multidisciplinar, um dos muitos que se cruzam nesse ambiente, é daqueles se enunciam mais facilmente do que se praticam.

Neste livro, temos abordagens a partir da Arqueologia, da História, da Arquitetura e da Educação, todas elas convergindo para um objeto e um objetivo comum. Estamos assim, diante do enfrentamento concreto da prática da multidisciplinaridade. Alguns anos de trabalho em órgãos do patrimônio histórico deram-me a certeza de que só se pode atuar de forma eficaz nesse campo se o fizermos em equipe e a partir de abordagens disciplinares diversas, todas elas contribuindo para a elaboração de políticas e ações de planejamento, conservação, preservação, restauro, divulgação e empoderamento. Enfim, de tudo aquilo que envolve as ações voltadas ao patrimônio histórico e seus agentes, desde os técnicos até os colegiados decisórios, passando pelos cidadãos, aqueles para quem devem estar voltadas todas as ações do poder público, universidade incluída.

Não há política pública ou ação na área de patrimônio histórico sem a produção de conhecimento. E o ponto de partida para a produção do conhecimento é a pesquisa, que nesse campo costuma ser tradicionalmente apresentada sob a forma de inventário. Delimita-se uma área, estabelece-se um método, debruça-se sobre o espaço e suas variadas camadas de tempo. Para tanto, utilizam-se desde os recursos tradicionais até os

mais sofisticados aparatos tecnológicos. Temos aqui, portanto, um modelo de atuação: um projeto consistente, uma equipe multidisciplinar, a produção de um inventário e a reflexão a partir de seus resultados, subsidiando possíveis ações do poder público que, ao fim e ao cabo, deve ser pressionado sempre que for preciso a agir em defesa da preservação dos vestígios do passado e da memória da sociedade que os produziu – que, afinal, somos todos nós, os humanos, em nossa passagem pelo planeta.

Se fosse visto apenas um modelo, o dossiê que o leitor tem em mãos já seria de imensa valia. Trata-se de um método de produção do conhecimento, passível de apropriação por outros acadêmicos e técnicos. Estes, por sua vez, podem replicar ou adaptar o método em outros espaços a serem alvos de outras pesquisas. Para o bem e para o mal, o Brasil é um país onde quase tudo está por fazer, e no campo do patrimônio histórico tal constatação é ainda mais sensível. Mas o fato é que o livro tem outras virtudes, e é hora de enumerá-las.

A primeira virtude que quero destacar é a escolha do recorte espacial. Ter em Guarulhos seu objeto é quase uma ousadia. De ocupação ancestral, a área hoje ocupada pelo município costuma ser esquecida, embora estejamos a falar do segundo município em número de habitantes e em arrecadação de impostos no Estado de São Paulo. Mas essa posição no *ranking* demográfico e econômico não desfaz a imagem de Guarulhos, para os brasileiros em geral e talvez mesmo para os guarulhenses, como um lugar pobre, violento, cidade-dormitório da grande metrópole paulistana – para onde milhares de trabalhadores se dirigem todos os dias em jornadas dantescas – e que sedia o aeroporto internacional. Enfim, um município funcional, cuja função encontra-se fora dos seus limites geográficos, fora de si mesmo. Se nos deixarmos levar pelo senso comum e pelo paupérrimo noticiário cotidiano, a imagem de Guarulhos estará selada para sempre. Por

(*) Historiador, Professor do Departamento de História da UNIFESP.

isso, chamo de ousada a escolha desse município como objeto, ao buscar patrimônio histórico em um lugar quase esquecido quando se trata de estudos acadêmicos e de políticas públicas.

Ao mesmo tempo em que é ousada, a escolha demonstrou seus acertos, a julgar pelos resultados contidos no dossiê. A arqueóloga Cláudia Plens, organizadora e autora de vários textos da obra, deixa clara a antiguidade da ocupação do atual território guarulhense com um olho na ancestralidade e outro na discussão sobre a ocupação europeia, ao mesmo tempo em que deixa entrever que a natureza não é um ambiente isento da ação humana – da cultura, portanto. A discussão não é nova, mas sempre é preciso revisitá-la e insistir na ação humana como foco central das investigações em História e Arqueologia, mais ainda quando os campos são observados nos seus pontos de intersecção. Se a História Natural é um dado ou um condicionante, somente a presença dos seres humanos transforma o potencial natural em História. Em Guarulhos não foi diferente: a esperança do ouro, tão ao gosto do colonizador português, introduziu relações de trabalho comuns a outras áreas de exploração na América e promoveu as relações sociais entre europeus, indígenas e africanos e seus descendentes. Foi assim em muitos lugares do Novo Mundo, mas não importa saber apenas *o que* aconteceu no passado, mas *como* aconteceu. Em poucas palavras, lidar com o processo histórico e suas especificidades em diferentes tempos e espaços.

Enumero apenas esta e algumas das outras questões que o livro não se furta a enfrentar, somando-se a outros autores e estudos de monta. É preciso conhecer melhor a exploração do trabalho dos indígenas em Guarulhos, como de resto em todo o mundo colonial e nos séculos XIX e XX, sob pena de fazer dos índios serem com validade histórica, como se eles desaparecessem fisicamente depois da época colonial. Também é preciso deslindar todas as outras formas de trabalho compulsório ou não, envolvendo diferentes sujeitos coletivos. Se concordarmos com o pressuposto de que é a ação humana que move o processo histórico, o trabalho pode ser encarado como a ação humana por excelência. É por meio dele que se produz a mercadoria; é ele

que modifica a paisagem; é dele que provém a riqueza, que não existe em estado bruto e natural. Instituir a propriedade e definir seus limites, outro produto das relações sociais (e não naturais), também nos diz muito sobre as relações sociais, do mesmo modo que uma leitura acurada das edificações e de outros vestígios da cultura material informa nossa visão sobre o presente. Mais do que conhecer o passado para uma simples satisfação erudita, o conhecimento histórico é capaz de desnaturalizar nosso dia a dia e ser um vetor da transformação social, sobretudo quando conjugado à divulgação científica e à educação para o patrimônio. Observando Guarulhos podemos ver o mundo, sem exageros. Do micro ao macro, analisando a legislação e enfrentando o exercício da crítica aos modos de (con)viver em diferentes temporalidades e fazendo isso retrospectivamente, a partir dos vestígios materiais do passado encobertos por camadas de terra e de poeira dos arquivos, este livro é um belo exemplo de trabalho colaborativo que nem sempre brota na universidade. Todos os temas mencionados aqui foram colhidos na leitura da obra, e o leitor atento saberá encontrar outros pontos de interesse e, quem sabe, seus próprios temas e caminhos de pesquisa.

Para terminar, quero chamar a atenção para o envolvimento dos estudantes no processo de desenvolvimento da pesquisa ora transformada em livro. Além de documentar o vigor intelectual do curso de História da Universidade Federal de São Paulo, o projeto do qual este dossiê é resultado também qualificou um grupo numeroso de estudantes de graduação, hoje historiadores formados, a atuar em ações voltadas ao patrimônio histórico, somando-se à formação oferecida em disciplinas específicas (Arqueologia Histórica, Arquivos, Museus e Cultura Material, Memória e Patrimônio Histórico, Patrimônio Imaterial, Educação Patrimonial) ministradas por professores que, em parte, são também autores deste dossiê. Tal resultado é o cumprimento de um projeto pedagógico que, no decorrer dos anos, vem se mostrando viável e acertado, em que pesem todas as dificuldades, sobretudo as burocráticas e políticas, para mantê-lo. Aos autores, meus cumprimentos; aos leitores, meus votos de boa leitura!